

Quando as palavras já não servem de quase nada

O filme “O Silêncio”, de Ingmar Bergman, conta a história de duas irmãs que se hospedam com um menino em um país onde não entendem a língua

Por José Castello

Valor, 05/01/2024

Há um filme do sueco Ingmar Bergman, rodado há mais de 60 anos, que ainda hoje lança uma luz turva, mas enfática, sobre nosso presente. Trata-se de “O Silêncio”, de 1963 (disponível no YouTube), a história de duas irmãs que se hospedam com um menino, filho da mais nova, em um hotel deserto. Acabam de chegar a um país indefinido, em que se fala uma língua incompreensível. Os quartos, embora largos, são sufocantes. A atmosfera, enigmática. As palavras não dão conta do que vivem.

A irmã mais velha, Ester, uma tradutora profissional, sofre de uma doença grave, talvez terminal, que não é nomeada. Alimenta, também, uma paixão raivosa e incoerente, embora intensa, pela mais nova. A irmã mais nova, Anna, enquanto se entrega a um desconhecido em um quarto vizinho, envolve-a em uma infeliz dança de sedução. Usa o homem como isca. Enquanto isso, seu filho, o pequeno Johan, se distrai tentando ler as placas misteriosas fixadas nas paredes do hotel. Ele as lê em voz alta, com delicadeza e atenção, embora não as compreenda.

O esforço que os três fazem para se entender esbarra sempre na barreira do silêncio. Lesbianismo, masturbação feminina e sexualidade infantil chocaram as plateias dos anos 1960. Para o espectador contemporâneo, porém, o impacto vem de outro lugar. O filme de Bergman nos leva a pensar nos sentimentos incompreensíveis que afloram quando as palavras já não servem de quase nada. Quando, em vez de serem instrumentos de comunicação, elas se tornam armaduras que nos protegem da vida.

Sem entender nem mesmo as palavras ditas, com paciência e zelo, pelo velho mordomo do hotel, que tenta ampará-las em seu desespero, as duas irmãs afundam em um silêncio devastador. Silêncio, no entanto, que lhes traz a possibilidade de, enfim, ainda que da forma mais dolorosa e frágil, se aproximarem. Em silêncio, o que emerge do real não é agradável, e nem fácil. O que emerge do real é a verdade. Quase nunca a suportamos.

O falatório contemporâneo - expresso nas redes sociais, nos grupos de WhatsApp, na corredeira sem fim do streaming, no barulho infernal das cidades - já não aceita o silêncio. Ele se torna inadmissível e repugnante. É visto como uma recusa e uma fuga. O silêncio ainda resiste em alguns espaços muito restritos, sussurrado com temor e vergonha, como nos

consultórios de psicanálise e nos confessionários. Mas, em nossos dias bizarros, ele é visto ora como indiferença, ora como ignorância. Às vezes como grosseria e estupidez.

Por que temos tanto medo do silêncio? Essa é a pergunta que move e assombra o filme de Ingmar Bergman. Como pano de fundo - exatamente como em nossos dias, em que estamos armados até os dentes - canhões rondam a cidade anônima que lhe serve de cenário. Uma guerra se aproxima. Seus atores não são definidos. O inimigo é obscuro. A crítica sueca, em geral, supôs que a história de Bergman se passa na Finlândia. Seja como for, passa-se do outro lado de uma fronteira, onde vivem o estranho e o insuportável.

Em uma cena na qual entra no quarto da tia, o menino Johan esboça um diagnóstico: “Ela está morrendo. Por isso fala uma língua estranha”. O fracasso da língua, pressupõe o garoto, seria um sintoma da morte. Dirige-se à tia moribunda, que lhe pediu que traduzisse a linguagem incompreensível de seus bonecos de pano. Só através deles o garoto consegue falar de sua experiência diante da morte, que a tia encarna.

O abafamento que hoje sentimos, em um cotidiano que parece opressivo e asfíxiante, se espalha pelas imagens de Ingmar Bergman. Os personagens suam, reclamam do calor excessivo, já não sabem o que fazer para respirar. É como hoje, quando, a seguir o fio interminável do noticiário, que é feito de sangue e de morte, nos vemos diante de um muro intransponível, vedado a qualquer travessia, sem nenhuma fenda, ou brecha de respiração. Sem qualquer possibilidade de vida. Uma parede grudada à terra, como um antigo monólito.

Nesse cenário, em paradoxo, só o mal-entendido, senão o desentendimento, abrem uma frágil ponte entre as pessoas. “Que bom que não nos entendemos”, diz Anna a seu amante anônimo. Só dois corpos - mudos, cegos, indiferentes, preocupados só com o sexo e com o gozo - conseguem algum contato entre si. E mais nada. A luta de Anna para se comunicar com a irmã Ester sempre fracassa. Derrotada, ela chega a desejar: “Queria que ela estivesse morta”. A morte, pelo menos, não pode ser traduzida em palavras.

Na verdade, embora ainda agonize, e nessa agonia, sempre aferrada às palavras, Ester luta para continuar uma tradução literária. Age como morta. Nada mais espera além da banalidade dos dias. Nada mais além da tempestade de palavras em que luta para não se afogar. Como tradutora profissional, ela está empenhada em chegar a “outras línguas”. Mesmo muito doente, traduz sem parar, insiste com as palavras - como se atirasse a esmo, mesmo sabendo que não atingirá objeto algum. Escreve e escreve, para nada. Tenta também, em alguns momentos, manejar palavras que enfim alcancem a irmã Anna, mas dela só recebe a pergunta mortal: “Por que você não cala a boca?”.

Quando as palavras servem para tudo - exatamente como as frases incompreensíveis que Johan lê nas paredes do hotel -, elas já não servem para nada. Não é assim que hoje nos sentimos? Todo o falatório contemporâneo - seja no tom solene dos mestres e dos retóricos, seja nos gritos grosseiros dos boçais e dos radicais - não passa de uma grande casca sob a

qual escondemos o vazio. “Tentamos tomar atitudes inúteis. Mas forças contrárias são muito fortes”, Ester admite. A vitória, sempre, é do fracasso.

Quase no fecho do filme, em meio a mais uma tentativa frustrada para encontrar as palavras certas, Anna se pergunta: “Para que tudo isso?”. É diante dessa pergunta que a possibilidade do silêncio se abre como uma via de acesso ao sentido. Silenciar, observar, esperar - é tudo o que nos resta a fazer diante de um mundo em que as palavras se estilhaçam e nos ferem. Um dos sintomas do excesso produzido pelas redes sociais é justamente a tonteira e também a sensação de perder o chão. As palavras nos atravessam como tiros, perfuram nossa alma, deixando que um vazio escandaloso se derrame.

Em meio à zoeira infernal, o silêncio se ergue como uma senda rumo à verdade. O silêncio, em geral, se parece com o vazio e com a ignorância. Quem silencia, pensa-se, nada tem a dizer. Quem silencia se esquiva e se nega. Em outro filme de sua Trilogia de Câmara, “Como em um Espelho”, de 1961, David, um escritor frustrado, confessa ao genro Martin que, em uma temporada de trabalho na Suíça, tentou suicídio, mas até nisso fracassou. “De meu vazio interior nasceu algo que quase não quero mencionar, nem me atrevo a dar-lhe um nome. Um amor.”

Para além de todos os clichês que o cercam, o sentimento do amor lança aquele que é talvez o mais resistente laço entre os humanos. Só depois de atravessar o silêncio em geral o encontramos, ou temos a impressão de que o encontramos. Talvez ele nem exista, mas, arrastando consigo uma esperança, mesmo que falsa, ele nos define como humanos.

José Castello é escritor e crítico literário, ganhador do Prêmio Jabuti com o romance “Ribamar”